

Acompanhamento Terapêutico como vetor de inserção da psicologia na saúde pública: relato etnográfico

João Pedro Cé; Rodrigo de Oliveira Machado.

Adolfo Pizzinato(orientador)

Introdução

- A Reforma Psiquiátrica propiciou a quebra de paradigma, no que tange ao cuidado e espaço que o usuário do serviço de saúde mental detém em nossa sociedade.

- Uma das formas de prática que tenta trazer o usuário para dentro do contexto social é o acompanhamento terapêutico (AT), onde o acompanhante e o acompanhado se integram ao cotidiano da cidade e reestruturam as relações entre usuário – território, uma ação terapêutica catalizadora das interfaces entre o sujeito e seu entorno (A CASA, 1991).

- Nossa práxis tenta integrar-se ao Serviço de Saúde Mental, como uma estratégia na direção da integralidade, de acordo com os princípios do SUS

e da cidadania do usuário do serviço.

- O objetivo desse pôster é relatar um pouco de nossa vivência junto ao SUS e a práticas diferenciadas de prestar serviço ao usuário. Na interface entre a prática e a pesquisa, o olhar etnográfico, instrumentalizado pelo uso de diário de campo, propicia a transposição do que ocorre no cotidiano com o paciente para o ambiente teórico.

Pre-história

- O ingresso do estudante na Unidade de Saúde deu-se através da oportunidade de continuidade um grupo de relaxamento e expressão que era realizado na Unidade Morro Santana por residentes do PREMUS e que tinha na música seu principal instrumento de trabalho.

- Com a troca de facilitadores, ou seja, com o nosso ingresso houve mudanças no grupo, tanto no número de frequentadores como na interação entre os que participantes. O silêncio era o maior indicador da baixa coesão grupal.

Referências Bibliográficas

A CASA, Equipe de acompanhantes terapêuticos do Hospital-dia. **A rua como espaço**. Grupo Acompanhamento Terapêutico São Paulo, 1991. BRASIL, Ministério da Saúde. **Manual para a Organização da Atenção Básica**. Brasília: 1999 <
http://dab.saude.gov.br/docs/geral/manual_organizacao_ab.pdf > acesso em 25 de maio de 2010.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

ALVES, Vânia Sampaio. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial **Interface**, Botucatu, vol.9, n.16, pp. 39-52. 2005.

MENDONGA, Leonel Dozza de. Lo social es un lugar que no existe: Reflexiones desde el Acompañamiento Terapéutico de Pacientes Psicóticos. **Papeles del Psicólogo**. nº 72, Febrero. 1999

PALOMBINI, Analice de Lima. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. **Psychê, Revista de Psicanálise**, ano X, 18, 115-127. 2006

PELLICCIOLI, Eduardo. **O trabalho do Acompanhamento Terapêutico em Grupo: Novas Tecnologias na Rede Pública de Saúde**. 2004. 112p. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SILVA, Alex sandro Tavares da. **A Emergência do Acompanhamento Terapêutico: O Processo de Constituição de uma Clínica**. 2005. 144p. Dissertação de

Tensão

- Os pacientes não estavam à vontade, já que começaram a faltar às reuniões e notamos que nossa habilidade de trabalhar com arte era muito limitada. Sentiamos-nos presos a esta prática e dentro da UBS sentíamos sufoco; uma prisão simbólica estávamos frustrados. Nosso instinto de adaptação ou nosso conformismo levou-nos a optar pela continuidade do que já vinha sendo feito e estava mostrando resultados positivos.

Alívio

- Outro rumo se desenhava a nossa frente e apostamos em mudar o local dos encontros e dar movimento ao grupo, nisso o caminhar pela cidade foi a estratégia escolhida para essa nova fase. Nossa prática tornou-se reconhecida pela equipe e outros pacientes foram encaminhados, alguns para um acompanhamento individual.

- Conversávamos sobre tudo. o grupo e os acompanhamentos individuais proporcionaram que uma postura cidadã fosse discutida. Através disso fomos buscar informações junto a FASC sobre benefícios e inclusive na internet com os usuários. Estávamos apostando na capacidade autônoma de movimentação do ser humano.

Considerações Finais

- O caminhar significou o rompimento com tudo o que eles já haviam experimentado em termos de cuidado de saúde, deixar o isolamento que a sala de grupo terapia conduzia e conversar ao ar livre com os olhares se cruzando no tráfego da rua estabeleceu um contato diferenciado dos usuários com a sociedade. Deixam de ser os loucos que seguem para a unidade procurando auxílio e se constituem o cidadão que mesmo tendo um transtorno reconhece a sua cidadania e confirma sua postura de agente do próprio cuidado.